

CAPÍTULO 10

A MUSICALIDADE E O CORPO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriella Guimarães Mandú de Medeiros

Hildegard Susana Jung

1 INTRODUÇÃO

A importância da música no universo infantil é tema frequentemente abordado entre educadores e pesquisadores. Sua influência no desenvolvimento humano, em diferentes fases e áreas do desenvolvimento é consenso (BRITO, 2003; FERREIRA, 2009). Sobre a influência da música no desenvolvimento humano, a Associação Brasileira de Música (2002), aponta que quanto mais cedo uma criança começar a tocar um instrumento e se relacionar diretamente com a música, mais a música poderá (re)conectar os seus circuitos neurais.

Assim, abordar a importância da utilização da música no processo de aprendizagem, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental e também na Educação Infantil, analisando suas possibilidades e desdobramentos, parece-nos um tema bastante interessante. A música tem um caráter relativo e dinâmico e talvez por essa característica, esteja tão presente na realidade e na vida de todos os sujeitos, de diferentes maneiras. Provavelmente também por isso se preste ao ensino de diferentes áreas do conhecimento.

Pensando na música especificamente como metodologia de aprendizado e no envolvimento das crianças com o universo sonoro, que se inicia ainda antes do nascimento, Ferreira (2009) refere que, quando são propostos trabalhos com música em sala de aula, as disciplinas que têm mais proximidade com ela levam certa vantagem no momento de aplicar e desenvolver esses trabalhos. Entretanto, isso não impossibilita as demais disciplinas, pelo contrário, é importante que o professor reflita para que se inspire e consiga trabalhar a música com todas as disciplinas.

A musicalidade tem uma relação muito próxima com o aprendizado da língua e das palavras escritas, podendo ser utilizada de diversas formas na primeira infância, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Nessa perspectiva, Brito (2003) compara o processo de obtenção da linguagem à expressão musical, uma vez que ambos possuem explorações, reorganização de percepções, construções de hipóteses, descobertas, reflexões e sentidos que tornam significativas todas as transformações e conquistas de conhecimento.

Cabe salientar que o foco desta pesquisa não é o ensino da música em si, embora entendamos sua importância enquanto disciplina formal, mas a abordagem da utilização da música no processo de ensino nos anos iniciais, utilizada para o ensino da linguagem oral e escrita, da matemática e das demais áreas do conhecimento. Sendo assim, a música seria um elemento facilitador da aprendizagem, uma metodologia a mais a ser utilizada pelo educador. Sobre esse aspecto, Brito (2003) aponta ainda que, dependendo dos temas que enfocam, algumas canções podem servir ao desenvolvimento de outras atividades, musicais ou não. Ora a canção pode nos remeter a outros conteúdos, ora algum projeto que vem sendo desenvolvido pelo grupo pode estimular a introdução de determinada canção.

Através da música inserida no processo de ensino, ainda é possível perceber inúmeras características e possibilidades das crianças, para além de um conteúdo ou disciplina, propondo alternativas de trabalho integrado e lúdico, numa perspectiva de ensino globalizada e interdisciplinar. Nesse sentido, com ênfase no lúdico, Brito (2003, p. 152) explica que, como a música e o seu desenvolvimento é um trabalho que se pode fazer prescindindo

de certo planejamento, “ela é um potencial auxílio no desenvolvimento de diversos saberes”.

Dito isso, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar um relato de experiência da prática de estágio supervisionado do curso de Pedagogia, no qual foram desenvolvidas atividades para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes através da música e da expressão do próprio corpo. A metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo, tratando-se de um estudo de caso, com coleta de dados por meio de um relato de experiência e de revisão de literatura acerca do tema.

A relevância da pesquisa está atrelada à sua justificativa pessoal-profissional, científica e social. Neste sentido, a primeira encontra respaldo em Minayo (2001). Esta autora entende que uma pesquisa tem seu potencial privilegiado quando se ampara no que fazer do pesquisador, o que se concretiza por meio do trabalho desta autora-pesquisadora com as séries iniciais da Educação Básica. Nosso trabalho tendo como metodologia a música rendeu frutos tão fartos, que buscamos aprofundar os conhecimentos a respeito desta prática pedagógica. A justificativa científica está relacionada com o desejo de gerar conhecimento a respeito do tema e contribuir com uma pesquisa original nesta temática, almejando, inclusive, suscitar estudos futuros na área. A justificativa social, por sua vez, se desenvolve com a importância da música, tendo em vista seu papel de instrumento cultural, capaz de alcançar inúmeros grupos sociais, étnicos, de gênero, religiosos, etc., seja da mais erudita à mais popular.

A arquitetura do artigo, portanto, segue a seguinte estrutura: após esta introdução, apresentamos o percurso metodológico do estudo. Na sequência, figura o referencial teórico que embasou o trabalho, seguido da análise e discussão dos dados. Fecham o artigo as considerações e referências que embasaram as reflexões aqui contidas.

2 METODOLOGIA

Como já anunciado, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. De acordo com Gil (2008, p. 133), a pesquisa qualitativa “depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”. Trata-se de um estudo de caso, o qual Yin (2001) conceitua como uma estratégia de pesquisa abrangente que investiga um fenômeno dentro do seu contexto. Neste sentido, o autor define cada unidade de análise como aquilo que se “relaciona com o problema fundamental de se definir o que é um “caso” -” (YIN, 2001, p. 43).

A coleta de dados ocorreu por meio do relato de experiência e de revisão de literatura acerca do tema. Trata-se, portanto, de um estudo de caso descritivo (YIN, 2001). Para a análise dos dados, as inferências foram buscadas por meio do exame minucioso do relato à luz da teoria, levando em conta também as convicções da autora-pesquisadora, bem como suas percepções durante a realização da prática de Estágio Supervisionado.

Dessa forma, temos em Gil (2008) e Yin (2001) as orientações metodológicas, principalmente o primeiro, que estabelece nove passos para a realização de uma pesquisa, os quais buscamos seguir com atenção: a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; i) redação do texto.

Assim, em um primeiro momento definimos o tema musicalização como meta, para então partirmos a um levantamento preliminar da bibliografia a ser consultada, tanto na biblioteca da universidade, como junto ao acervo pessoal e em fontes de busca digitais. O próximo passo deu-se em direção à formulação do problema, que versou em torno de saber quais os benefícios que uma prática pedagógica baseada na musicalização e na expressão corporal pode trazer a crianças das séries iniciais.

A partir disso, elaboramos um plano para a pesquisa, a qual foi consolidada com as suas partes principais: Introdução, caminhos metodológicos, referencial teórico, análise e discussão dos achados e as considerações finais.

A busca das fontes deu-se nos mesmos locais do levantamento bibliográfico preliminar, sendo definidas como fontes de busca digitais a plataforma Capes Periódicos e Scielo. As outras últimas quatro etapas se deram na sequência recomendada por Gil (2008).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando pensamos em musicalidade e corpo, fica fácil pensar em interdisciplinaridade, uma vez que na educação, a expressão corporal, além de ser uma fonte de aprendizado e uma forma de comunicação, também contribui no desenvolvimento motor e cognitivo. Ela deve ser compreendida como prática pedagógica que permite que os alunos encontrem um caminho para a criatividade através da manifestação da imaginação criativa que une a sensibilização e a conscientização por meio de atitudes, posturas e movimentos (BRITO, 2003).

De acordo com Ferreira (2009, p. 25), “é importante que o professor leia e reflita sempre sobre aquilo que lê, pois um trabalho proposto em uma disciplina que não aquela na qual é especialista poderá inspirar-lhe novas ideias que sejam adequadas à sua área de atuação”. De acordo com o autor, as possibilidades interdisciplinares com a musicalização são muito ricas, e ainda que algumas sejam mais propícias a este tipo de metodologia, não significa que não possamos criar espaços para as demais.

As práticas pedagógicas interdisciplinares podem ser inseridas no contexto da expressão corporal, por meio de atividades que envolvem música e arte. Além disso, é possível trabalhar com a oralidade e a escrita através da contação de histórias, os jogos na matemática, o autoconhecimento, personalidade e características físicas, a conscientização de hábitos de vida e de alimentação saudáveis, bem como os valores, o respeito a natureza e ao próximo (FREIRE, 2010).

No mesmo sentido versa a opinião de Silva (2008), o qual refere que, por ser um artefato pedagógico de alta complexidade, a música e sua expressão são capazes de oferecer aos estudantes “um trato sistêmico dos aspectos intrínsecos (cognitivos, afetivos, psicomotores e comportamentais) e extrínsecos (sociais, culturais, antropológicos, acústicos e ergonômicos)” (SILVA, 2008, p. 1). O autor complementa, dizendo que o desenvolvimento destas competências transcende o simples alcance de objetivos cognitivos.

Com relação à interdisciplinaridade, Fazenda (2001, p.15) esclarece que “a trilha interdisciplinar caminha do ator ao autor de uma história vivida, de uma ação conscientemente exercitada a uma elaboração teórica arduamente construída”. Dessa forma, é possível envolver as teorias de várias disciplinas com os saberes prévios dos estudantes, que jamais deverão ser ignorados, como ensina Freire (1986).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Música, o contato com a música é capaz de modificar o córtex cerebral:

Nos cérebros de nove violinistas examinados em imagem por ressonância magnética, o total de córtex somatosensorial dedicado ao polegar e ao quinto dedo da mão esquerda - os que dedilham - era significativamente maior, do que em pessoas que não tocavam. Quanto os instrumentistas praticavam a cada dia, não afetava o mapa cortical. Mas a idade em que eles tinham sido introduzidos na música sim: quanto mais nova a criança aprender a tocar um instrumento, mais córtex ela dedicou para tocá-lo (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MÚSICA, 2002, p. 9).

Percebemos, portanto, que a pesquisa demonstrou o poder transformador da música, o qual pode também contribuir no processo de aprendizagem. Neste sentido, Brito (2003, p. 152) garante que, por meio da música e da expressão corporal, é possível a apreensão de noções importantes:

Como ações intencionais que possibilitam o exercício criativo de situações musicais e o desenvolvimento da comunicação por meio da linguagem musical, os jogos garantem às crianças a possibilidade de vivenciar e entender aspectos musicais essenciais: as diferentes qualidades do som, o valor expressivo

do silêncio, a necessidade de organizar os materiais sonoros e o silêncio no tempo e no espaço, a vivência do pulso, do ritmo, a criação e reprodução de melodias, entre outros aspectos.

Até o desenvolvimento da linguagem pode ser facilitado e privilegiado com a musicalização e a expressão oral, como explica Brito (2003, p. 43):

O processo de aquisição da linguagem também facilita a comparação com a expressão musical: da fase de exploração vocal à etapa de reprodução, criação e reconhecimento das primeiras letras, daí à grafia de palavras, depois as frases e, enfim, à leitura e à escrita, existe um caminho que envolve a permanente reorganização de percepções, explorações, descobertas, construções de hipóteses, reflexões e sentidos que tornam significativas todas as transformações e conquistas de conhecimento: a consciência em contínuo movimento. Isso ocorre também com a música.

A autonomia do aluno, portanto, sofre grande influência da expressão corporal, a qual é facilitada pela música. Nesta perspectiva, Silva (2008, p. 1-2) esclarece que estas práticas são aliadas da superação de diversas dificuldades, como a timidez e até a falta de concentração:

Visam oferecer ambiente favorável à superação de possíveis fatores limitantes da espontaneidade e da concentração, possibilitando aos intérpretes o alcance de um estado psicológico ideal, o mais próximo possível do seu potencial total, possibilitando-lhes a ocorrência de experiências referenciais e motivadoras para a construção de uma identidade positiva como sujeito.

Na sequência, trazemos o relato de experiência de algumas das atividades desenvolvidas durante a prática pedagógica das Disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, cuja metodologia privilegiou a musicalização e a expressão corporal.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a construção da análise e discussão dos dados, trazemos primeiramente o relato de experiência já referido, para em seguida dedicar-se aos tópicos dos achados da pesquisa propriamente ditos. Estes serão analisados à luz da teoria e dos registros realizados, contemplando ainda as inferências da autora-pesquisadora.

4.1 A Musicalidade e o Corpo no Processo de Aprendizagem: Um Relato de Experiência

A prática no Ensino Fundamental foi realizada em uma turma de 3º ano. Como este nível de ensino oferece a chance de trabalhar interdisciplinarmente, foi possível o desenvolvimento de atividades com a musicalidade e o corpo em três disciplinas: matemática, português e ciências. Na sequência, relataremos algumas das 25 atividades realizadas. Tratou-se de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, composta de 30 alunos, em uma escola pública, da região metropolitana de Porto Alegre.

A proposta da aula de Matemática, utilizando a música da Xuxa “Minha boneca de lata”, foi de dar continuidade ao tema “horas”. Na segunda atividade realizada, a proposta foi completar uma tabela (impressa, entregue a cada aluno) conforme a descrição de cada um a respeito de sua rotina. Os alunos foram orientados a preencherem a tabela fazendo questionamentos como: A que horas você acorda? A que horas você toma café da manhã? A que horas você almoça? A que horas você vai para escola? Etc. Após, surpreendemos a turma dizendo que cada um iria confeccionar a sua boneca de lata, distribuindo as latas e tampinhas que cada um já havia trazido anteriormente. Na semana seguinte, as bonecas foram pintadas com tinta *spray* prata as quais puderam ser levadas para casa depois de secas.

A música “Fui morar numa casinha” da Galinha Pintadinha, rendeu muita criatividade na aula de Português com a proposta de trabalhar o diminutivo e aumentativo das palavras. A turma foi organizada em duplas, distribuimos folhas A4 e orientamos as crianças criarem sua própria versão da música, porém, utilizando as palavras no aumentativo. Após o término, cada dupla apresentou sua versão para os demais colegas, o que gerou muita diversão e interação. Os

colegas elogiaram uns aos outros, surpresos com tanta criatividade e autenticidade.

O Diário de Plantio foi uma das propostas mais divertidas das aulas de Ciências, isso porque através da música “Semente” de Armandinho, demos início ao tema plantação. Uma vez que falamos sobre alimentação saudável, nada melhor que incentivar as crianças a cultivarem seu próprio alimento, cuidarem das plantas e valorizarem a natureza. Durante a música, oportunizamos momentos de descontração, permitindo a expressão de sentimentos, sensações e interagindo uns com os outros através dos movimentos do corpo. Após, questionamos sobre o que a letra da música despertou, o que acharam, se já a conheciam, sobre o que trata, o que é uma semente e onde as encontramos, etc. Os alunos logo entenderam dois sentidos para a música: que além de trazer a ideia de plantar e cuidar, também traz a ideia de falar a verdade ou mentir. Conduzimos o diálogo para diagnosticar o conhecimento prévio das crianças acerca das plantas, do cultivo, da importância e do cuidado. Os alunos responderam um questionário e discutiram o assunto. Quando contamos que naquele dia iriam plantar, a euforia tomou conta da sala e, na expectativa, as crianças ouviram e seguiram todas as orientações. Auxiliamos individualmente na colocação da terra e das sementes no fundo de uma garrafa já cortada anteriormente. Levamos as sementes já hidratadas e orientamos a enfeitarem o fundo. Todos ganharam seu Diário de Plantio com a capa e quatro folhas em branco, nas quais foram orientados a realizar os registros diariamente.

Já na Educação Infantil testamos o mesmo tema, adaptando-o ao projeto da Professora Titular que era “O Alfabeto”. Desta forma, planejamos as atividades com músicas, explorando as letras do alfabeto. Tratou-se de uma turma de Jardim I, composta de 19 alunos, em uma escola de Educação Infantil da rede particular na região metropolitana de Porto Alegre.

Naquele dia iniciamos com a música “ABC” da Galinha Pintadinha, oportunizando às crianças um momento de descontração e interação através dos movimentos do corpo. Após, questionamos sobre o que sentiram com a música, se já a conheciam, a parte que mais gostaram, etc. A atividade seguinte foi com massinha de modelar colorida para cada uma representar a letra do seu nome.

Com a música “Abecedário da Xuxa” seguimos os mesmos passos da atividade anterior e, na sequência, organizamos a turma em um círculo no chão. Distribuímos um Jogo da Memória confeccionado por nós com as letras e uma palavra correspondente a cada uma (A de amor, B de baixinho, etc.). Apesar de serem ainda bem pequenos, todos mostraram uma capacidade grande de concentração. Mesmo sendo um jogo de competição, não houve rivalidade entre as crianças, de forma que alguns até ajudavam os outros em sua vez de jogar. Um fato interessante foi que alguns se deram conta de que as cartelas do jogo que formariam os pares estavam em cores iguais.

Em atividade no pátio e ao som de música (escolhida ao gosto das crianças), dividimos a turma em quatro grupos. Cada grupo jogava um Dado Gigante e as letras que saíam deveriam ser representadas com o próprio corpo. As crianças se mostraram muito criativas, mostrando alternativas brilhantes para a demonstração da letra.

Como vimos, todas as atividades relatadas foram possíveis graças à utilização da música, que foi decisiva no alcance dos objetivos de cada aula. Constatamos, por meio deste relato de experiência, a veracidade da teoria de Howard (1984, p. 114) e outros autores visitados pela presente pesquisa, que “a música tem o poder de encorajar, não importa qual forma de atividade”.

4.2 A música como facilitadora do processo de aprendizagem

De acordo com Ferreira (2009) e Howard (1984), o recurso da música como estratégia para o ato pedagógico não é recente. Segundo este autor, “não é à toa que as antigas civilizações, como a chinesa, que pesquisadores, sábios, pensadores da antiguidade, como Platão, colocaram a música no cimo da educação (HOWARD, 1984, p. 66). Neste sentido, Ferreira faz interessantes questionamentos:

Quem garante que o homem não pensou primeiro em cantar, talvez imitando os pássaros, antes de pensar em falar? E que assim acabou descobrindo que sua voz servia para comunicar-se com os outros - homens e animais - com mais eficácia que seus gestos, por exemplo? Eis aí a música atuando como auxiliar no aprendizado de outras coisas que não dela mesma (FERREIRA, 2009, p. 24).

Ainda de acordo com os autores, é possível unir estudo e diversão. Como observamos durante a prática realizada, as crianças se concentram de forma mais intensa quando há música, inclusive aqueles que não conseguem se expressar de maneira tão natural quanto outras. Sobre essa facilidade de expressão que algumas crianças trazem de forma mais desenvolvida, Howard explica que há sujeitos que são dotados para a música e outros não dotados. Isso não significa que todos possam se beneficiar do uso da música enquanto recurso pedagógico:

As crianças ditas “dotadas” para a música se divertem ou estudam com mais gosto quando não ouvem música; os chamados “não dotados” se divertem ou estudam muito melhor e corretamente quando a música ressoa perto deles. É unicamente porque os “não dotados” não sabem se exprimir musicalmente, que se acredita que a música não lhes cause nenhuma impressão. A verdade é que a música penetra e vivifica todas as atividades (HOWARD, 1984, p. 69).

As atividades mais transmissivas podem não resultar no objetivo esperado, isso porque muitas vezes não proporcionam aos educandos ludicidade e prazer no momento de aprender. Esse tipo de metodologia oferece “contínuos exames psicotécnicos” (HOWARD, 1984, p. 69) aos pequenos. Trata-se da educação denominada por Paulo Freire de “bancária”. Ou seja, o educador “deposita” os saberes no educando e faz os “saques” no momento da prova. A educação precisa ser libertadora, precisamos buscar “a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita” (FREIRE, 1996, p. 13). Assim como em nós, adultos, com crianças também não é diferente, somos atraídos pelo novo, pelo que aparentemente é difícil ou às vezes de fato é. Como explica Howard (1984, p. 94), “a criança tem sede de atividades”.

Isso não significa, entretanto, que a música deve, necessariamente, ser ensinada como disciplina, embora acreditemos que seria de extrema importância para a introdução dos educandos ao mundo artístico, explorando seus sentidos, seu corpo e seus interesses. Referimo-nos, à inserção da música nas atividades diárias como facilitadora no processo de aprendizagem, uma vez que ela proporciona alegria e prazer.

Como constatamos, a música pode ajudar e muito no aprendizado das disciplinas no ensino Fundamental e também na Educação Infantil, no conhecimento em si. Ferreira (2009), em sua obra *Como usar a música em sala de aula*, explica que:

Hoje sabemos a relação íntima que a música tem, por exemplo, com disciplinas como a arte (em geral), a língua (portuguesa, inglesa, italiana, latina etc.), a história, a matemática, a física, a biologia, a psicologia, a sociologia, a religião etc., mas isso não a limita, pois ela mantém sempre alguma afinidade com outras tantas, mesmo que não estejam diretamente ligadas ao campo da sonoridade (FERREIRA, 2009, p. 25).

Os autores vêm a confirmar que o uso da música auxilia inclusive nas práticas interdisciplinares, as quais, segundo Amato (2010, p. 44), “quando vistos sob uma ótica musical, é possível a construção e a renovação dos conhecimentos”. Ainda segundo a autora, por meio da interdisciplinaridade que a música permite alcançar, é possível “alargar sua paleta cromática com novos pigmentos, ampliando seu colorido com as várias vozes dos diversos espaços de conhecimento” (Idem).

4.3 A relação entre expressão corporal e a autonomia do aluno

Expressamo-nos corporalmente desde que nos compreendemos como pessoas. Ainda muito pequenos já movimentávamos nosso corpo para nos lamentar, para comemorar, para reivindicar e protestar e, principalmente para nos comunicar. Sendo assim, o movimento é como um condutor de sentimentos, afetos, emoções, ideias e

intenções. Importa que sejamos incentivados a sermos protagonistas da nossa história de vida, de forma autônoma, cheia de espontaneidade (BRASILEIRO e MARCASSA, 2008).

Como educadores, cabe-nos promover essa autonomia naturalmente, pois assim nossos educandos poderão desenvolver-se, amadurecer e tomar decisões, conforme define Jung (2018, p. 108):

autonomia no século XXI implica uma forma de crescimento humano, de desenvolvimento das potencialidades de pessoas e grupos, que levem à sustentabilidade social, num processo de ser e estar no mundo de forma harmoniosa com o universo. É um processo para a vida inteira, que precisa ser cultivado, dialogado sempre.

Diante desta perspectiva, entendemos que se incentivada, a autonomia ligada ao expressar-se corporalmente poderá conduzir educandos mais seguros de si, capazes a explorar e aprender. A educação ensina e transmite os hábitos corporais, gestos e comportamentos que configuram e constituem indivíduos no meio em que vivem e se relacionam, em outras palavras, Soares diria que:

Os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem (SOARES, 2001, p. 110).

Ao relacionarmos autonomia e expressão corporal, podemos afirmar que o educando estará apto a espontaneamente expressar-se, comunicar-se com o mundo desenvolvendo-se individual e socialmente. Cada indivíduo carrega consigo experiências familiares e escolares, sua história de vida, sua identidade que irá se refletir em suas relações sociais. Neste sentido, Brasileiro e Marcassa (2008, p. 199-200) explicam que,

Assim, é possível dizer que existem, pelo menos, três maneiras de compreender a linguagem corporal: há uma linguagem individual, formada a partir de uma gestualidade própria, que diz muito sobre os sujeitos, sobre seu universo psíquico e sobre a sua personalidade que — apesar de individual, de seu caráter pessoal — é construída na relação com a cultura; há também um conjunto de marcas, normas, regras e expressões gestuais que perpassam a linguagem corporal dos grupos e das pessoas que compartilham de uma mesma cultura; e há, por sua vez, as práticas ou manifestações da cultura corporal que, ao serem sistematizadas e elaboradas com base em saberes e interesses específicos, isto é, como modelos de educação do corpo, comportam sentidos e significados que contextualizam, explicam, classificam e selecionam movimentos, ações, expressões e atividades corporais humanas.

Vimos, portanto, que a linguagem corporal também pode ser modificada por meio da experiência. Desta forma, torna-se se grande aliada da aprendizagem.

4.4 Música e interdisciplinaridade: uma boa relação

É relevante destacar que, no projeto descrito no relato de experiência utilizando a música, conseguimos contemplar diversas disciplinas. No Ensino Fundamental exploramos como conteúdo a língua portuguesa, o conhecimento lógico-matemático, as ciências com o estudo do corpo e do meio ambiente, bem como hábitos de higiene e alimentação saudável. Na Educação infantil, realizamos a introdução do alfabeto com o conhecimento das letras, do som e da forma. Exploramos a matemática para quantificar e reconhecer os números e não menos importante foi a expressão corporal de forma espontânea presente nas duas práticas docentes. Sobre isto, BRITO aponta ainda que:

Algumas canções, pelos temas que enfocam, podem servir ao desenvolvimento de outras atividades, musicais ou não. Às vezes, é a canção que nos remete a outros conteúdos, ao passo que outras vezes ocorre o contrário: algum projeto que vem sendo desenvolvido pelo grupo pode estimular a introdução de determinada canção (2003, p. 119).

Desta forma podemos destacar que a música possibilita a interdisciplinaridade naturalmente, servindo de ferramenta para introdução de conteúdos e temas que se queira abordar. Assim, possibilita desenvolver conhecimentos de forma lúdica e prazerosa.

O ensino da música pode dar um impulso exemplar à interdisciplinaridade, fazendo vibrar o belo em áreas escolares cada vez mais extensas e que [...] para alguns alunos é a partir da beleza da música, da alegria proporcionada pela beleza musical, tão frequentemente presente em suas vidas de uma outra forma, que chegarão a sentir a beleza na literatura, o misto de beleza e verdade existente na matemática, o misto de beleza e eficácia que há nas ciências e nas técnicas (SNYDERS, 1988, p. 135).

Interdisciplinaridade é o relacionamento entre duas ou mais disciplinas com objetivos em comum a serem alcançados. Ela pode ser trabalhada em forma de projeto e também através da música, como mencionamos nesse trabalho. Além disso, segundo

Por definição, a filosofia busca o conhecimento do todo, com um olhar também constituído a partir de conceitos gerais, que estão na base de todo tipo de conhecimento. Idealmente, a interdisciplinaridade também visa à completude, à totalidade e à universalidade do saber, ainda que este saber seja parcial – busca, ao menos, conjugar visões que se aproximem, mais do que os saberes de uma só ciência, do conhecimento global sobre determinados objetos, que são também parcela da realidade. Cada ciência, por si só, entretanto, busca conhecimentos parciais – baseados em seus conceitos e métodos próprios – sobre parcelas da realidade, seus objetos próprios (AMATO, 2010, p. 35).

De acordo com a leituras realizadas para esta pesquisa, compreendemos que é possível trabalhar qualquer assunto em qualquer disciplina utilizando a música. Ainda mais desafiador, segundo Amato (2010), é o fato de ser possível com uma música conectar disciplinas distintas. Segundo a autora,

a interdisciplinaridade diria respeito a uma coordenação mais acentuada entre disciplinas, com uma intercomunicação mais efetiva entre pesquisadores de diferentes áreas; as várias disciplinas adaptam seus métodos ao esforço comum – com planejamento e pretensão de continuidade, sendo que o objeto de estudo comum passa a ser objeto também de cada disciplina por si só (AMATO, 2010, p. 36).

Dessa maneira, destacamos a importância de os educadores terem uma visão interdisciplinar para trabalharem diversos conteúdos. Assim, estes saberes se tornam mais compreensíveis ao olhar dos educandos, possibilitando uma aprendizagem mais significativa, construindo conhecimentos a partir desta perspectiva. De acordo com Vanda Freire, a prática interdisciplinar demanda novas estratégias metodológicas. Nas palavras da própria autora:

Essa visão interdisciplinar, que busca transpor, sem desqualificar, limites rígidos entre áreas de conhecimento, é muito cara, assim, ao pensamento pós-moderno, ampliando os possíveis ângulos de abordagem nas pesquisas. Nas diferentes subáreas de Música, considerando as características do novo paradigma, tornam-se importantes para a pesquisa novas estratégias metodológicas, pois não se trata de mudar alguns elementos na superfície, mas de construir conhecimento a partir de novas premissas (FREIRE, 2010, p. 85-86).

Da citação anterior podemos inferir que as metodologias ativas são essenciais para o desenvolvimento de práticas interdisciplinares com música. Indo um pouco mais além, consideramos que as metodologias ativas, definidas por Moran (2018) como aquelas práticas pedagógicas que colocam o aluno como centro do ato educativo, ou seja, protagonista da sua própria aprendizagem, são essenciais para o desenvolvimento de qualquer atividade que almeje ser significativa para o educando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou narrar a experiência de prática docente nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II do Curso de Pedagogia, realizado em uma Universidade comunitária da região metropolitana de Porto Alegre e desenvolvido em duas escolas da mesma localidade. Desta forma, trabalhamos os componentes curriculares com as crianças por meio de atividades musicais, algumas narradas aqui por meio de um relato de experiência, e que tiveram como metodologia central do fazer pedagógico as atividades lúdicas com música e a expressão corporal.

Para fundamentar nossa prática trouxemos teóricos que nos ampararam no sentido de comprovar que a música é potencial facilitadora do processo de aprendizagem, é excelente recurso para trabalhar de forma interdisciplinar e, além disso, a expressão corporal auxilia no desenvolvimento da autonomia do aluno. Dessa forma, podemos considerar que a utilização da música como recurso pedagógico pode ser considerada também um instrumento potencializador das práticas que utilizam metodologias ativas, colocando o educando como centro do processo de aprendizagem, numa atitude autopoietica.

Por meio deste trabalho, portanto, esperamos suscitar outras pesquisas na área, talvez com mais componentes empíricos, de forma a darmos continuidade ao debate sobre a importância da musicalidade e o corpo no processo de aprendizagem. Consideramos, finalmente, que a aprendizagem deve ser o objetivo maior de qualquer ato educativo e este deve se dar de maneira que permita à criança ser feliz, e música é alegria, é felicidade.

REFERÊNCIAS

- ABEMÚSICA - Associação Brasileira da Música. **A importância da música para crianças**. São Paulo: 2002.
- AMATO, R. de C. F. Interdisciplinaridade, música e educação musical. **OPUS**, v. 16, n. 1, p. 30-47, 2010.
- BRASILEIRO, L. T.; MARCASSA, L. P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. **Pro-Posições**, v. 19, n. 3 (57), set./dez. 2008.
- BRITO, T. A. de. **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Petrópolis. 2003.
- FAZENDA, I. (Org.) **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRA, M. Como usar a música na sala de aula. São Paulo: editora Contexto, 2009.
- FREIRE, P. A importância de aprender a ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, V. B. Pesquisa em música e interdisciplinaridade. **Revista Música Hódie**, v. 10, n. 1, 2010, p. 81-92.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo. Atlas. 2002.
- HOWARD, W. A música e a criança. São Paulo: Summus, 1984.
- JUNG, H. S. **Educação Básica e autonomia do educando**: Aproximações e distanciamentos entre Brasil e Chile. Tese (Doutorado em Educação). 229f. 2018. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade La Salle, Canoas, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/tSsY7t>>. Acesso em 01 jun. 2018.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2018.

SILVA, A. R. Oficinas de Performance Musical: uma metodologia interdisciplinar para uma abordagem complexa de performance musical. **Anais do IV SIMCAM**. São Paulo: USP, 2008.

SOARES, C. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, p.109-129, 2001.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

YIN, R. K. Estudo de Caso: **Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.